

Antiiluminismo

MUNDO

# A França e o aprendizado da tortura

Documentário expõe como os franceses ensinaram a militares da América Latina os métodos de repressão durante as várias ditaduras

**PARIS** - A memória é o futuro do passado, dizia o poeta Paul Valéry. Os franceses, tradicionalmente problemáticos no trato com determinadas invocações de seu passado, são constantemente surpreendidos pela revelação de passagens obscuras de sua história. No presente, a consciência nacional foi mais uma vez sacudida, desta vez pela exibição do documentário *Escadrons de la Mort, l'École Française*, de Marie-Monique Robin. O filme, de 59 precisos minutos, demonstra como a inteligência militar francesa protagonizou um papel crucial na gênese de ditaduras latino-americanas. Mais especificamente, *Escadrons de la Mort* desce aos porões dos anos de chumbo e denuncia a ativa colaboração do Exército francês, que ensinou e treinou militares da Argentina, Chile e Brasil nos métodos de repressão.

O roteiro de Marie-Monique segue um encadeamento quase linear. Os aspectos teóricos da "guerra anti-subversiva" foram, inicialmente, absorvidos e desenvolvidos pelo coronel francês Charles Lacheroy, depois de uma atenta leitura do pequeno *Livro Vermelho*, de Mao Tsé-tung, durante o conflito da Indochina (1946-1954). O coronel concentrou seus estudos na ausência de linha de frente na guerra revolucionária e no apoio da população civil às organizações subversivas. O protótipo de uma metodologia de



combate ao inimigo ideológico e disseminado será aplicado durante a guerra de independência da Argélia (1954-1962), na repressão ao movimento da Frente de Liberação Nacional (FLN).

O então ministro da Defesa, Jacques Chaban-Dalmas, instalou oficialmente, em Paris, uma seção especial de luta anti-revolucionária. Em 7 de janeiro de 1957, o governo francês conferiu ao general Jacques Massu, comandante da 10ª Divisão de Pára-Quedistas, plenos poderes de polícia sobre a capital Argel. A chamada batalha de Argel (janeiro-setembro de 1957) será

**O PROFESSOR:**  
o general Paul Aussaresses, que treinou militares latino-americanos

a primeira operação de guerra contra-revolucionária e anti-subversiva deflagrada pelo Exército francês. Nos embates urbanos, os militares testarão diferentes técnicas repressivas, posteriormente exportadas para mais de uma dezena de países por meio de cursos e acordos de cooperação.

Instrutores franceses se ilustrarão no ensinamento de suas especialidades, como as modalidades de esquadramento de uma cidade, o aperfeiçoamento dos serviços de informação e contra-espionagem, as perquisições, a prática de tortura, execuções e eliminação de cadáveres por esquadrões da morte. "Quando a persuasão não é suficiente, são recomendados métodos de coerção", escreveu o general Massu numa de suas diretivas, evitando utilizar o politicamente incorreto termo "tortura". Os conceitos de "guerra revolucionária" explicitados na obra *A Guerra Moderna* (1961), do coronel Roger Trinquier, oficial ativo nos conflitos da Indochina e da Argélia, passariam a ser decorados como tema de caserna pelos militares latino-americanos.

A partir de 1959, militares franceses são convidados a lecionar na Escola das Américas, no Panamá, também conhecida como a escola dos ditadores. Seus conhecimentos ajudarão a inspirar os americanos no lançamento da Operação Fênix, considerada responsável

pela eliminação de mais de 20 mil vietnamitas. O *savoir-faire* francês adquirido na batalha de Argel será igualmente requisitado por Argentina, Chile, Brasil e Uruguai. Dentre as provas e documentos revelados pelo documentário de Marie-Monique, destacam-se depoimentos exclusivos de importantes protagonistas desse sombrio período da história. “Aprendemos tudo com os franceses”, diz o general argentino Albano Harguindeguy, ex-ministro do Interior da junta militar liderada por Jorge Rafael Videla. “A mais alta hierarquia francesa nos apoiava”, acrescenta, comprometendo, sem citar o nome, o presidente Valéry Giscard d’Estaing.

Por meio de um acordo bilateral, de 1959 a 1970, a Argentina acolheu uma missão militar francesa permanente. No filme, os generais Ramón Diaz Bessone, ex-ministro do Planejamento de Videla, e Reynaldo Benito Bignone, chefe da junta militar argentina de 1982 a 1984, admitem o seqüestro, a tortura e o assassinato de 7 mil a 8 mil pessoas. Décadas depois, as interrogações de Diaz Bessone recorrem a uma justificativa desesperada na terrificante deontologia militar da época: “Como se pode tirar alguma informação [de um preso] se você não o aperta, não o tortura? Como seria possível fuzilar sete mil? Ao fuzilar apenas três, veja o problema que se criou entre o papa e Franco. Não se pode fuzilar sete mil pessoas? E se as colocássemos na cadeia? Depois viria um governo constitucional e as poria novamente em liberdade. Era uma guerra interna. Não era o inimigo que ficou do outro lado da fronteira. Eles pegariam de novo as armas para nos matar”.

Já o general chileno Manuel Contreras, chefe da Dina, a polícia secreta do

governo Pinochet, revela, sem arrependimentos, sua grande admiração pela OAS (Organisation de l’Armée Secrète, grupo de extremistas franceses que lutavam na Argélia) e o envio de militares ao Brasil, para serem formados pelo general francês Paul Aussaresses, em Manaus. Adido militar no Brasil de 1973 a 1975, o oficial francês também foi professor em Fort Bragg, na Carolina do Norte. “O general Paul Aussaresses nos explicou a tortura”, conta seu ex-aluno



Carl Bernard, general americano.

O ex-ministro da Defesa francês Pierre Messner confirma: “O americanos desejavam conhecer toda a teoria da guerra revolucionária. Esforçávamos-nos em enviar os instrutores que tinham experiência, como Aussaresses, que era um especialista”. No ano passado, Aussaresses foi condenado pela Justiça francesa por cumplicidade e apologia de crimes de guerra ao defender o uso da tortura num livro sobre suas experiências na Argélia. “Todos os generais latino-america-

**A BATALHA DE ARGEL:** cena do filme de Pontecorvo. Obra é citada por norte-americanos

nos com quem conversei me disseram que o papel dos americanos na sua formação não foi essencial, mas sim o dos franceses”, disse Marie-Monique à **Primeira Leitura**.

Na sua opinião, Aussaresses ainda não contou tudo sobre suas atividades no Brasil: “Ele me disse que treinava militares e esquadrões da morte no Brasil. E era amigo íntimo do general Figueiredo, jantava na casa dele e os dois saíam juntos”. O que mais a chocou durante as investigações, no entanto, foi saber que a Direção de Vigilância do Território, a DST francesa, informava ao serviço de inteligência de Santiago os nomes dos refugiados políticos chilenos que retornavam ao país. “Na Operação Retorno, todos os chilenos que voltaram foram mortos. É surpreendente que a França, país dos direitos humanos, tenha colaborado diretamente com as ditaduras. O que se fez foi monstruoso. Não eram apenas alguns soldados perdidos, mas tratava-se de uma política governamental”, disparou.

Por essas estranhas coincidências da história, no último 27 de agosto, em Washington, o Pentágono convidou civis e oficiais de seu Estado-Maior para assistir a uma exibição do filme *A Batalha de Argel*, realizado em 1966 pelo cineasta italiano Gillo Pontecorvo. No convite impresso pela Direção de Operações Especiais, podia-se ler: “Crianças atiram em soldados à queima-roupa. Mulheres colocam bombas em bares. Logo, toda a população árabe comungará num fervor enlouquecido. Isso faz você lembrar algo? Os franceses têm um plano. Eles obtêm um sucesso tático, mas sofrem uma derrota estratégica. Para entender por que, venha a essa rara projeção”. – Fernando Eichenberg